

## **Olhares Invisíveis: Retratos da Aldeia Guarani de Santa Maria<sup>1</sup>**

Nicoli Stürmer SAFT<sup>2</sup>

Carolina Escher GONÇALVES<sup>3</sup>

Cristina PIETCZAK<sup>4</sup>

Jéssica LOSS<sup>5</sup>

João Moro de OLIVEIRA<sup>6</sup>

Marília Dias dos SANTOS<sup>7</sup>

Matheus Ribeiro SANTI<sup>8</sup>

Nadine Kowaleski RIBEIRO<sup>9</sup>

Mariana HENRIQUES<sup>10</sup>

Rogério SALDANHA<sup>11</sup>

Flavi Ferreira LISBOA FILHO<sup>12</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### **RESUMO**

O presente trabalho foi desenvolvido na disciplina de Comunicação e Cultura do 4º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria. Com o propósito de enxergar uma sociedade a partir das diversidades culturais e com o objetivo de conhecer uma cultura diferente, foram realizadas visitas às aldeias indígenas de Santa Maria, RS. O grupo realizador deste trabalho visitou a comunidade guarani, e fez registro de seu cotidiano por meio de fotografias. São, ao todo, doze retratos em preto e branco dos indígenas, as fotos destacam os rostos, as expressões e os olhares, buscando dar visibilidade aos indígenas da cidade.

<sup>1</sup>Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Fotojornalismo.

<sup>2</sup>Aluno líder do grupo e estudante do 5º Semestre do Curso Comunicação Social Jornalismo, e-mail: nicoli\_x3@hotmail.com.

<sup>3</sup>Estudante do 5º Semestre do Curso Comunicação Social Jornalismo, e-mail: ncescher@hotmail.com

<sup>4</sup>Estudante do 5º Semestre do Curso Comunicação Social Produção Editorial, e-mail: crispiercp@gmail.com

<sup>5</sup>Estudante do 5º Semestre do Curso Comunicação Social Jornalismo, e-mail: jlossbarrios@gmail.com

<sup>6</sup>Estudante do 5º Semestre do Curso Comunicação Social Produção Editorial, e-mail: moro9495@gmail.com

<sup>7</sup>Estudante do 5º Semestre do Curso Comunicação Social Produção Editorial, e-mail: mariliadiazdosantos@gmail.com

<sup>8</sup>Estudante do 5º Semestre do Curso Comunicação Social Jornalismo, e-mail: m.ribeirosanti@yahoo.com.br

<sup>9</sup>Estudante do 5º Semestre do Curso Comunicação Social Jornalismo, e-mail: nadinerk@outlook.com

<sup>10</sup>Docente orientada e mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista Capes. e-mail: marianahsm@yahoo.com.br

<sup>11</sup>Docente orientado e mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista Capes. e-mail: rogeriosaldanha.rp@gmail.com

<sup>12</sup>Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Ciências da Comunicação. E-mail: flavilisboa@gmail.com



**PALAVRAS-CHAVE:** cultura; fotojornalismo; indígenas guarani; Santa Maria

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil possui 896.917 indígenas. Destes, 36,2% moram em área urbana e 63,8% em área rural. Ainda segundo o IBGE (2010), as terras indígenas somam 106,7 milhões de hectares, 12,5% do território nacional. Porém, nessas terras, há apenas 517,4 mil índios.

De acordo com Pellegrini (2015), o Brasil possui cerca de 70 mil grandes propriedades rurais improdutivas (latifúndios), que detêm 228 milhões de hectares. Estas terras são, muitas vezes, apropriadas por meio de ocupação de terras indígenas, zonas sob proteção ambiental e por meio da grilagem<sup>13</sup>.

Em termos históricos, logo após a Guerra do Paraguai, ocorrida entre 1864-1870, aconteceu uma profunda mudança no modo de vida dos povos guaranis, provocada pelos não índios. Os grandes latifúndios começaram a nascer, explorando as terras que antes eram por eles ocupadas. A rotina dos povos que viviam nessas terras, principalmente ao sul do Mato Grosso, vem sendo fortemente atingida pela exploração econômica desde aquele período. A exploração, que começou com a erva-mate, se estendeu ao cultivo da soja, em 1970, e da cana-de-açúcar, em 1980, causando forte impacto na cultura indígena, principalmente na guarani, afetando suas crenças e sua espiritualidade. (LISBOA FILHO et al, 2014, p. 13)

Vários povos indígenas tiveram suas terras tomadas, foram expulsos delas e muitos morreram nesse processo. A demarcação das terras pode ser vista como uma das formas encontradas pelas autoridades para sanar a dívida histórica com estes povos. Esta demarcação é um meio legal para delimitar as áreas indígenas, entretanto é um processo longo, com vários empecilhos em sua execução.

Na cidade de Santa Maria, RS, existem duas comunidades indígenas: os Kaigangs e os Guaranis Mbya. A comunidade Kaigang Kentyjug Tengtu ocupa um terreno perto da rodoviária da cidade, onde cerca de 13 famílias acampam permanentemente, enquanto

---

<sup>13</sup>Grilagem consiste na apropriação indevida de terras públicas por meio da falsificação de documentos. O termo grilagem foi cunhado devido a uma das técnicas de falsificação, que consistia em guardar as escrituras falsas em uma caixa junto com grilos, estes roíam os documentos e faziam seus excrementos em cima, dando um aspecto de envelhecido ao papel.



muitas outras acampam provisoriamente no decorrer do ano. A tribo é marginalizada, e sofre com xenofobia e preconceito, sendo alvo de ameaças e violência.

Já a tribo Guarani Mbya de Santa Maria, em 2012, conseguiu sair das margens de uma rodovia onde moravam, para uma terra recentemente cedida pelo Governo Estadual, onde conseguiram estabelecer a Tekoá Guaviraty Porã<sup>14</sup>.

A Tekoá não pode reduzir-se à propriedade privada de um pedaço de terra; a Tekoá é a terra manejada segundo o tekó. O fundamental evidentemente é o tekó, ou seja, os costumes, os valores, as referências éticas e obrigações sociais de um conjunto de famílias unidas pela mesma linguagem. (MELIÁ, 2004, p.70).

Entretanto, a aldeia guarani ainda enfrenta diversas dificuldades. Eles não têm acesso à totalidade do terreno, e são perturbados por vizinhos não índios que habitam o local. Segundo Miotto (2015), parte do território estava cedido à Fundação Educacional para o Desenvolvimento e Aperfeiçoamento do Ensino (FUNDAE) e, a partir de 2015, iria passar para a tribo. Entretanto, os equipamentos da FUNDAE ainda estão no local, e um guarda municipal faz rondas diárias nos limites da aldeia. Os prédios existentes no terreno abrigariam a escola bilíngue da comunidade, uma sala de reuniões e um posto de saúde indígena. Além disso, os treze banheiros prometidos e construídos ainda não possuem água e luz. As chaves dos prédios e dos banheiros não foram entregues à aldeia e o Ministério Público Federal (MPF) se mantém calado.

## **2 OBJETIVO**

O presente trabalho foi desenvolvido na disciplina de Comunicação e Cultura do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, durante o segundo semestre de 2014. A proposta era conhecer uma cultura diferente e aprender com ela. Diante da situação crítica vivida pelos indígenas da cidade, decidiu-se trabalhar com esta temática, na tentativa de relevar como é o dia a dia desses indígenas, por meio do fotojornalismo, mostrar como vivem e tentar diminuir o preconceito associado a eles. Além disso, o grupo teve como objetivo dar visibilidade à causa indígena, conseguir a atenção dos cidadãos de Santa Maria e, conseqüentemente, pressionar as autoridades por melhorias na situação

---

<sup>14</sup>Tekoá são as aldeias guaranis.



destes moradores. A preocupação constante ao longo do trabalho foi não retratar esta cultura como “o exótico” e sim a sua cotidianidade, seus hábitos, costumes e valores.

A disciplina é ministrada para os quatro cursos da Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria (jornalismo, produção editorial, publicidade e propaganda e relações públicas) que são divididos em duas turmas. A partir dessas turmas, foram formados grupos menores que trabalhariam com uma das duas tribos indígenas da cidade, a Kaingang ou a Guarani. A proposta foi que cada grupo desenvolvesse trabalhos diferentes, a partir dos mais variados suportes midiáticos e vieses comunicacionais. O presente grupo trabalhou com a tribo guarani e escolheu o fotojornalismo para retratar a realidade indígena, através de expressões, olhares e situações cotidianas.

### **3 JUSTIFICATIVA**

Toda a fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho. (KOSSOY, 1989, p.33)

O fotojornalismo busca fotografar a realidade, ilustrar os fatos por um viés jornalístico. Não exclui, entretanto, a pessoa por trás da câmera, e a estética empregada. O fotojornalista carrega consigo uma bagagem cultural, social, política, e, inevitavelmente, isso se reflete em suas fotografias. Dessa forma, as fotos não são somente um registro da realidade ou um prova de que algo de fato aconteceu. Para Moraes (1999, p. 22) “existe um olhar consciente por trás da fotografia de documentação, que não apenas procura registrar um real diante da câmera, mas expressar-se criativamente de forma individualizada. E talvez seja este, o valor maior da documentação fotográfica”.

Cada grupo era livre para decidir como fazer o trabalho. Alguns grupos abordaram a questão indígena através de documentários de curta-metragem, reportagens em áudio, desenhos das crianças indígenas, fotografias demonstrando como vivem em meio à cidade, entre outros. Este grupo resolveu se utilizar da fotografia documental, fazendo retratos em preto e branco do dia-a-dia indígena guarani. A escolha foi facilitada por integrantes do grupo possuírem câmeras fotográficas semiprofissionais e se interessarem pela área de fotojornalismo.



Primeiramente, decidiu-se fazer retratos de algumas pessoas, com uma pequena declaração escrita sobre seu cotidiano, que os próprios fotografados forneceriam. Entretanto, tal ideia se demonstrou inviável, pois grande parte da tribo não sabia falar português. Foram feitos, então, retratos das pessoas tais como estavam, sem chamar a atenção. A escolha do preto e branco se deu após algumas discussões, optou-se, então, que as imagens seriam assim porque tais tonalidades passam mais emoção, conseguem chamar mais atenção para expressões, não distraem tão facilmente. Uma das inspirações para esse pensamento veio do fotógrafo Sebastião Salgado, que acreditava que “a cor o impede de se concentrar na dignidade da gente, na densidade de suas atitudes ou de seu olhar. A cor tira sua atenção do que é importante no seu tipo de foto” (apud MORAES, 1999, p.55). Corroborando essa ideia, Silveira (2005, p.171) justifica o uso do preto e branco por sua facilidade em dar visibilidade às formas e texturas.

A fotografia em preto-e-branco é vista de uma maneira especial por supostamente não ter as cores do mundo visível real. Quando uma fotografia em preto-e-branco é observada, as texturas e formas dos objetos são mais facilmente percebidas, tornando-se “chaves” perceptivas para a memória da sua cor.

É importante destacar também que a fotografia em preto e branco não é uma fotografia sem cor, como muitas vezes é vista. Ela difere das cores reais, dando foco a outras questões da foto. Abre espaço para a imaginação, causa mais reflexão.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

As fotos foram tiradas no dia 11 de novembro de 2014, na segunda visita à aldeia guarani. Foi utilizada uma câmera Canon 60D, com lente zoom 18-200mm, material pessoal da fotógrafa, aluna líder deste trabalho. O ISO utilizado foi de 250, para ter uma maior qualidade das fotos, que foram tiradas em JPEG. As fotografias foram feitas em uma manhã nublada, porém bastante clara; sombras e fotos escuras devido ao baixo ISO, portanto, não se configuraram como um problema.

A abertura da lente foi a menor possível ( $f/3.5 - 5.6$ ) para dar foco aos detalhes, e não a toda a cena. O foco foi feito nos rostos das pessoas, principalmente em seus olhares. Para que os fotografados não se sentissem acuados pela câmera muito próxima, as imagens



foram feitas com uma aproximação média. As fotografias foram feitas enquanto as pessoas faziam suas tarefas normalmente. Foram tiradas mais de 200 fotografias, e escolhidas 12. As escolhas foram feitas ao se analisar quais fotos estavam mais bem focadas, menos poluídas, causavam maior impacto. As escolhidas foram editadas no Adobe Lightroom, colocadas, então, em preto e branco, tentando, ao máximo, manter o restante da fotografia original, mudando somente a cor.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A aldeia guarani de Santa Maria é afastada da cidade e de difícil acesso. Foram feitas duas visitas, na primeira, a van que transportava os grupos não pode chegar até o local devido às más condições da estrada, restando caminhar até a aldeia. Esta visita foi feita na tentativa de realizar um contato inicial com a tribo, saber se aceitariam participar do trabalho, quais eram as suas reivindicações, observar o local e o que poderia ser feito. Além disso, esta aproximação primária ajudaria no convívio com os indígenas, na quebra de preconceitos e em uma abordagem mais natural na hora da efetiva realização dos trabalhos. Após uma semana, na qual a aldeia discutiu e aceitou a proposta, voltou-se ao local, dessa vez com os equipamentos.

Devido a maior parte da tribo não saber falar o português, o intermédio foi feito pelo professor da aldeia. Muitos dos adultos estavam trabalhando, e as crianças estavam bastante curiosas, por isso, grande parte das fotos são de crianças.

Os grupos trabalharam durante toda a manhã. Alguns conversavam com o professor e com outros adultos da aldeia, anotando tudo o que ouviam. Outros observavam tudo, tentando absorver o máximo. Procuravam-se detalhes, alguma brincadeira das crianças, algum sorriso fora do lugar, algum olhar interessado. Então se tirava fotos, uma atrás da outra, com medo de perder algum momento especial.

Em um mundo em que parte das crianças passa o dia assistindo televisão e jogando *videogames*, fotos de crianças brincando na terra, sem medo de se sujar, chamam atenção e impactam. Essas fotos mostram sua ligação com a terra, como elas são alheias e não se preocupam com a vaidade que a sociedade impõe. Mostram como elas não têm medo de serem fotografadas como estão; como são.

Uma das mulheres tenta vender artesanato ao grupo, um dos modos como a tribo consegue se sustentar. Ela sorri. A aldeia já teve dias piores, agora eles têm terra. Ainda se



vê olhares assustados, alguns com uma preocupação constante. Outros aparentam estarem marcados profundamente pelos sofrimentos que a vida trouxe, mesmo ainda crianças.

As fotos tentam passar todas essas sensações. Tentam mostrar como é e foi a vida dessas pessoas. Crianças brincando, indiferentes ou assustadas pela presença de não índios. Adultos preocupados com o presente e futuro.

Após todos os trabalhos serem editados e finalizados, organizou-se uma exposição intitulada “Olhares sobre a cultura indígena em Santa Maria” em um dos prédios da universidade. As fotos foram reveladas, foi posta uma televisão para passar os documentários, um computador para os áudios, os desenhos pendurados e os livros expostos. Foi feita uma campanha para arrecadação de doativos para as tribos. A exposição durou quatro dias, de 16 a 19 de novembro de 2014. E em 2015 já teve sua segunda edição, entre os dias 13 e 20 de abril, em alusão às comemorações que marcam o “dia do índio”, no Royal Plaza Shopping na cidade de Santa Maria – RS.

No último dia da primeira edição da exposição, um dos grupos trouxe as crianças da aldeia guarani à Universidade. Elas visitaram a exposição, fizeram um lanche ouvindo as músicas que um dos participantes do grupo tocava. Logo após, foram visitar o Jardim Botânico da Universidade, deram uma volta pelo campus e, ao fim, ganharam presentes.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

A situação indígena brasileira é extremamente problemática. Os indígenas querem sua terra, porém, são tratados com descaso. Existe um preconceito muito grande para com eles, levando muitas vezes à violência física e morte. Não raras vezes eles se tornam invisíveis para a sociedade, que não percebe que eles estavam aqui muito tempo antes. Por viverem de um jeito diferente, muitos dizem que não merecem essa terra. Santa Maria não é uma exceção. As duas aldeias indígenas vivem em situações críticas: uma em meio à cidade, sendo marginalizada de diversas formas; outra vive afastada, não recebendo atenção às suas dificuldades.

A disciplina de Comunicação e Cultura é essencialmente teórica, e foi muito bom para as turmas ter esse contato, esse confronto de culturas e realidades. O aprendizado foi grande, e a oportunidade de ver na prática o que se aprende na teoria é gratificante. Os participantes do grupo ficaram muito satisfeitos em poder ajudar de alguma forma as aldeias. Seja mostrando para as pessoas como eles vivem, seja com as doações de



brinquedos, material escolar, roupas e comida, seja ainda por poder proporcionar à tribo a oportunidade de visitar a Universidade, um lugar público, mas com difícil acesso, principalmente a um grupo marginalizado como o deles. Mas, sem dúvida, o apredizado de todos ao ter contato com uma cultura diferente da habitual fez perceber a diversidade cultural existente e a importância que todas as culturas têm.

A exposição trouxe felicidade para os participantes, que tiveram a oportunidade de ter seu trabalho reconhecido e valorizado. Dessa forma a relevância do tema e a qualidade do material produzido tornou possível a realização de uma segunda edição da exposição, e já foi feito convite por outra Intituição de Ensino Superior de Santa Maria para uma terceira edição. É outra oportunidade de mostrar para os cidadãos da cidade a situação das aldeias.

Ao término deste trabalho fica a certeza de que o fotojornalismo permite mostrar as pessoas uma visão de mundo diferente da hegemônica. É permitido denunciar, emocionar e causar reflexão. Fotografar a situação indígena de Santa Maria é passar adiante o que a aldeia sente. É chamar as autoridades para fazerem sua parte. Mostrar para as pessoas que o seu preconceito é infundado. É tentar fazer o invisível se tornar visível para todos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010:** características gerais indígenas. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_gerais\\_indigenas/default\\_caracteristicas\\_gerais\\_indigenas.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_gerais_indigenas/default_caracteristicas_gerais_indigenas.shtm): Acesso em: 7 de abril de 2015.

KOSSOY, Bóris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

LISBOA FILHO, et al. **Breve ensaio sobre a cultura indígena (guarani) no Brasil**. Santa Maria, 2014. Não Publicado.

MELIÀ, Bartolomeu; TEMPLE, Dominique. **El don, la venganza y otras formas de economía guaraní**. Asunción del Paraguay: Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”, 2004.

MIOTTO, Tiago. Os guarani querem sua Tekoa inteira. **Revista O Viés**, Santa Maria, 20 de março de 2015. Disponível em: <<http://www.revistaovies.com/reportagens/2015/03/os-guarani-querem-sua-tekoa-inteira/>> Acesso em: 2 de abril de 2015.

MORAES, Ana Maria Limade. **A construção e um olhar dentro da fotografia de documentação:** análise de algumas séries de Sebastião Salgado. Dissertação (Mestrado em Multimeios), Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXII Prêmio Expocom 2015 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação

PELLEGRINI, Marcelo. O Brasil tem latifúndios: 70 mil deles. **Revista Carta Capital**, São Paulo, 06 janeiro de 2015. Disponível em:  
<[http://www.cartacapital.com.br/politica/brasil-tem-latifundios-70-mil-deles-1476.html?utm\\_content=bufferd4150&utm\\_medium=social&utm\\_source=twitter.com&utm\\_campaign=buffer](http://www.cartacapital.com.br/politica/brasil-tem-latifundios-70-mil-deles-1476.html?utm_content=bufferd4150&utm_medium=social&utm_source=twitter.com&utm_campaign=buffer)> Acesso em: 4 de abril de 2015.

SILVEIRA, Luciana Martha. A cor na fotografia em preto-e-branco como uma flagrante manifestação cultural. **Revista Tecnologia e Sociedade**, n1, Curitiba, out. 2005.